

9  
2009

# R

# evista de História da Sociedade e da Cultura



Centro de História da Sociedade e da Cultura  
Universidade de Coimbra

Coimbra

Leiria-Fátima, da Câmara Municipal da Batalha, da Câmara Municipal de Alcobaça, da Câmara Municipal de Porto de Mós, da Área Metropolitana de Leiria, da Fundação Engenheiro António de Almeida, da Fundação para a Ciência e Tecnologia, do Centro de Estudos de História Religiosa, do Centro de História da Sociedade e da Cultura, do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Livraria Minerva.

*Sónia Nobre*

Mestranda na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

soniamfnobre@gmail.com

**Colóquio Internacional *António Vieira, Roma e l'universalismo delle monarchie portoghese e spagnola*  
Roma, 28 e 29 de Novembro de 2008**

Realizou-se em Roma, na Università degli Studi Roma Tre e no Istituto Portoghese di S. Antonio, nos dias 28 e 29 de Novembro de 2008, o colóquio Internacional *António Vieira, Roma e l'universalismo delle monarchie portoghese e spagnola*, promovido cientificamente pelo Centro de História de Além-Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Dipartimento di Studi Storici, Geografici e Antropologici della Università degli Studi Roma Tre e Red Columnaria.

O seu programa, articulado em quatro sessões, constou de 19 conferências proferidas por académicos e pesquisadores oriundos de universidades ou centros de investigação de Itália, Espanha, Portugal, França, Brasil, Estados Unidos e México. Foi concebido de modo a proporcionar uma análise contextualizada da obra e do percurso de António Vieira, privilegiando o tempo e a relação que o insigne jesuíta manteve com Roma, teve a feliz coincidência de ser apresentado na cidade ao tempo considerada o “teatro do mundo”, e que Vieira também elegeu como tal, muito beneficiando disso para a sua posterior projecção. Ali estabeleceu o celebrado jesuíta importantes

relações com membros da elite da Igreja e seculares que o aceitaram e promoveram, ali iniciou, para além da redacção da *Clavis Prophetarum*, a preparação da edição *princeps* dos seus Sermões, e, sobretudo, ali começou a forjar a memória que ele próprio quis legar da sua vida e pensamento, de algum modo forçando os vindouros a retratá-lo, na sua polimorfia e nos distintos contextos em que se movimentou, de acordo com o modelo que idealizou e projectou de si próprio naquele palco.

Ora, a estrutura programática foi precisamente concebida para captar e promover o debate acerca do cariz poliédrico de António Vieira, integrando-o no amplo conjunto de cenários/contextos em que ele deambulou. De facto, os olhares propiciados pelos conferencistas, e os debates havidos, partiram da perspectiva do contexto e não da projecção do autor/actor (Vieira) no seu tempo. A amplitude, riqueza e densidade das abordagens foi grande. O modelo pedagógico da instrução do príncipe e as normas de actuação do conselheiro político (Nelson Veríssimo), a ideologia e a representação da política numa época de fortíssima teologização da política e de politização da teologia (Francesca Cantù), o funcionamento e as linguagens dos impérios espanhol e português (José Ruiz Ibáñez e João Paulo Costa), a *praxis* política em conjunturas específicas (Jean Frederic Schaub e Leonor Freire Costa), os quadros da produção cultural e literária (Zulmira Santos), o profetismo e sua amplitude geográfica e social (Zoltán Biedermann), a construção e representações do índio (Tamar Herzog e Manfred Merluzzi), a actuação e imagens da Inquisição (Federico Palomo del Barrio e José Pedro Paiva), a vida das comunidades de judeus sefarditas de origem portuguesa fora de Portugal (Natalia Muchnik), a Companhia de Jesus e seu governo (Paolo Broggio), o espaço geográfico percorrido por Vieira (Rodrigo Bentes Monteiro), a vida cortesã e académica (Maria Pia Donato e Gaetano Sabatini), os problemas da comunicação durante a missão (Oscar Mazin Gomez e Zulmira Santos).

Tratou-se de uma proposta definível como uma biografia em contexto, com preciosos contributos para melhor entender não só António Vieira (seu percurso e obra), como o tempo e as distintas configurações políticas, económicas, sociais, culturais e geográficas em que se movimentou. Neste pluriarticulado olhar faltaram apenas duas dimensões que mereciam mais atenção. Por um lado, a dos códigos estéticos do barroco e o modo como

se expressaram tanto no espírito como na oratória do pregador e também como ele os influenciou; por outro lado, a espiritualidade religiosa e jesuítica. É que se Vieira foi um homem de corte com um projecto pessoal de poder, e um prodigioso e criativo literato, ele foi igualmente um cristão, um crente. Dimensão nem sempre recordada, como também sucedeu neste Colóquio.

Devem ainda realçar-se duas outras facetas desta conferência: a preocupação comparativa presente em inúmeras das intervenções e a emergência de novos problemas conceptuais e de novas abordagens no plano do conhecimento de Vieira. Quanto aos conceitos, destaquem-se as conferências de José Ruiz Ibáñez (conceitos de hegemonia e universalismo e a questão do Quinto império) e de Pedro Cardim (proposta de revalorizar o discurso historiográfico, frequentemente subalternizado pelo literário, para melhor entender a obra e a vida de Vieira). Já sobre as novidades quanto aos objectos analisados, destacaria as abordagens de Tamar Herzog, sobre a relação de Vieira com os problemas da definição de fronteiras na América, bem como as revelações de Leonor Freire Costa sobre a modernidade das propostas económicas de Vieira.

Pese embora a abrangência dos assuntos tratados no Colóquio e a gigantesca bibliografia já disponível sobre a vida e obra do jesuíta, continua a haver aspectos relacionados com a passagem de Vieira por Roma que justificam ser melhor conhecidos: o tempo da sua primeira estância na cidade, entre Janeiro e Junho de 1650 para negociar o casamento do príncipe D. Teodósio; o quadro das suas relações com os cardeais romanos e posicionamento face a algumas questões da vida da Igreja no tempo, nomeadamente a actuação da Congregação da *Propaganda Fide*; a evolução/mudança da configuração das redes de relação de Vieira no mundo cortesão; o modo como na sua expressão se deixou contaminar pelo uso da língua italiana.

Pode dizer-se, para concluir, que se tratou de um colóquio do mais elevado nível científico, que muito enriqueceu o património de conhecimento sobre uma das figuras mais relevantes do Portugal e do Mundo de Seiscentos. Os que nele participaram muito podem ter aprendido, como, aliás, sempre sucede quando se revisita António Vieira.

*José Pedro Paiva*

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC  
lejpaiva@fl.uc.pt